

## A Programação Informativa de Rádio e suas Lógicas Operantes: Velocidade, Fluxo e Temporalidade<sup>1</sup>

Veridiana Pivetta de MELLO<sup>2</sup>

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS

### Resumo

As lógicas que operam na definição da programação informativa de rádio, na era do capitalismo globalizante, são fenômenos caracterizadores do jornalismo eletrônico: a cultura da velocidade, a noção de fluxo e a múltipla temporalidade. Este artigo visa apresentar como estes fatores se manifestam na programação informativa das rádios CBN de São Paulo, Gaúcha de Porto Alegre e Gazeta de Santa Cruz do Sul/RS. Para tanto, utilizou-se três técnicas de pesquisa: observação participante, entrevista em profundidade e análise da programação. Como consequência destas lógicas operantes, observa-se uma fragmentação e uma descontextualização tanto do ponto de vista da produção e da transmissão da informação, quanto da recepção.

**Palavras chaves:** velocidade no jornalismo; fluxo informativo; temporalidade no rádio

Este estudo se centrou na análise da programação informativa das emissoras *CBN* (São Paulo), *Gaúcha* (Porto Alegre) e *Gazeta* (Santa Cruz do Sul/RS), todas pertencentes a grupos de comunicação hegemônicos em suas áreas de abrangência. As três rádios possuem ainda, de semelhança, modelos de programação consolidados no país. Para a realização da pesquisa, utilizou-se três técnicas. A primeira se baseou numa pesquisa de newsmaking, através da observação das rotinas de produção da informação, dentro das redações. A segunda foram quatro entrevistas em profundidade em cada emissora, com um produtor, um âncora, um chefe/coordenador de jornalismo e um responsável pela parte gerencial. A terceira técnica foi a gravação e audição sistemática de cinco horas da programação (turno da manhã) de cada uma das rádios, para identificar seus parâmetros de programação.

Cabe uma contextualização de cada veículo para um melhor entendimento da investigação aqui proposta.

A rádio *CBN* (Central Brasileira de Notícias) de São Paulo pertence às Organizações Globo e foi criada em 1º de outubro de 1991. O modelo *all news* – jornalismo 24 horas –

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela UFSM. Docente do curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul. verimello@hotmail.com

como a *CBN* se autodefine foi pioneiro no país segundo consta em seu site <http://cbn.com.br>. A emissora está localizada num município de 11.253.503 habitantes (IBGE 2010). Seu slogan é “A rádio que toca notícias”. Segundo Betti e Meditsch (2008, p. 11), nesta data, o país ganha “a primeira experiência bem sucedida de transmissão jornalística vinte-e-quatro horas por dia”, simultaneamente no Rio de Janeiro e em São Paulo entra no ar a *CBN*.

A *Rede CBN* possui quatro emissoras próprias – *CBN* Rio de Janeiro, *CBN* São Paulo, *CBN* Belo Horizonte e *CNB* Brasília – e mais 21 afiliadas. Seu público-alvo são os segmentos A e B da população. Tem sua programação organizada “em notícias por intermédio de um radiojornal, com um programa jornalístico sucedendo ao outro” (TAVARES; FARIAS, 2006, p. 38). Embora reafirme seu conceito original de noticiário *all news*, a emissora abandonou a rigidez do formato. “São 24 horas de notícias que os repórteres trazem em suas apurações, complementadas por entrevistas que os âncoras fazem com especialistas e pelas análises dos comentaristas, que interpretam os fatos e apontam seus desdobramentos” (p. 48).

A rádio *Gaúcha* de Porto Alegre faz parte do Grupo RBS (Rede Brasil Sul), foi fundada em 08 de fevereiro de 1927, mas pertence ao grupo desde 1957, quando foi adquirida por Maurício Sirotsky Sobrinho. A *Gaúcha* foi o primeiro veículo de comunicação da RBS que deu origem ao grupo em 31 de agosto de 1957. A emissora se intitula como modelo informativo *talk and news*, segundo Klöckner (1997). Isto é, as notícias são transmitidas e a seguir comentadas e discutidas nos espaços específicos. O público fiel da emissora, segundo o autor, é composto das classes A, B e C. A programação é dividida em noticiosos, programas de notícias, programas de entrevista e debate, programas de cultura e jornadas esportivas. A rádio *Gaúcha* “desenvolve um jornalismo analítico, que proporciona debates, aberturas e aprofundamento de questões locais, regionais, nacionais e internacionais” (KLÖCKNER, 1997, p. 24).

O Grupo RBS possui 24 emissoras de rádio AM e FM de diferentes segmentos. A rádio *Gaúcha*, líder no segmento de jornalismo e esporte<sup>3</sup>, está presente em sete estados por meio de 153 emissoras afiliadas à *Rede Gaúcha Sat*. Seu slogan é “A Fonte de informação” e está situada num município de 1.409.351 habitantes (IBGE 2010). Apresenta-se como a

---

<sup>3</sup> Segundo consta no site do Grupo RBS, disponível no endereço <http://www.gruporbs.com.br/midias>.

rádio de maior audiência entre o público adulto (acima de 25 anos) das classes A e B de Porto Alegre e região metropolitana, como pode se verificar em seu site<sup>4</sup>.

A rádio *Gazeta* de Santa Cruz do Sul pertence à Gazeta Grupo de Comunicações, com sede nesse município, embora possua veículos em Rio Pardo e Sobradinho (RS). O grupo é composto por dois jornais, quatro emissoras de rádio, um provedor de internet, uma editora e uma fundação. Conforme apresenta o site do grupo<sup>5</sup>, pauta sua atuação pelo compromisso de produzir e distribuir informação e entretenimento à comunidade regional e procura fazê-lo de forma responsável e independente para consolidar o patrimônio maior de seus veículos: a credibilidade.

O grupo começou sua atuação na radiodifusão em 28 de maio de 1980, quando entrou no ar a rádio *Gazeta AM*. O formato da emissora é generalista ou tradicional - jornalismo e esporte, mas também inclui música e entretenimento. A programação é composta de programas jornalísticos e esportivos até o início da tarde, depois o espaço é ocupado com programas musicais e de entretenimento, e, ainda, conta com jornadas esportivas. A rádio está localizada numa cidade de 118.374 habitantes (IBGE 2010), e conforme consta em seu site<sup>6</sup> abrange uma população de 700 mil pessoas, nos cerca de 50 municípios dos Vales do Rio Pardo, Jacuí e Taquari. Ainda sobre sua audiência se diz líder no segmento AM na região, segundo o IBOPE. Seu slogan é “A rádio da sua terra”.

Neste trabalho, denomina-se de lógicas operantes três conceitos que marcam o jornalismo radiofônico na atualidade e que influenciam de maneira importante a programação informativa das emissoras. Estas lógicas são formas de funcionamento e de organização das informações dentro das rádios, conforme mostra a análise a seguir.

### **Cultura da Velocidade**

A cultura da velocidade é um fenômeno que perpassa todos os setores da sociedade. Da economia à vida cotidiana tudo deve ser rápido para estar de acordo com os dias de hoje. Em relação aos meios de comunicação a aceleração também dita as formas de produção como de apresentação das informações, ressalta Marcondes Filho (2002). A velocidade contemporânea impõe novos ritmos ao deslocamento dos corpos e ao transporte das ideias, assinala Santos (1996). Esta aceleração também adquirida pelo conhecimento é o resultado prematuro do perecimento dos sistemas de produção e da banalização da invenção. Deste modo, é possível relacionar à informação jornalística de rádio a ideia de

<sup>4</sup> <http://www.clicrbs.com.br/gaucha/>.

<sup>5</sup> Informações disponíveis no endereço <http://web.viavale.com.br/grupo/gazetadosul/grupo.php>.

<sup>6</sup> <http://www.gaz.com.br/radioam1180/conteudo/show/83.html>.

perceível e banal da aceleração, se vê este processo nas notícias que duram apenas um turno ou menos do que isso porque, também foram coletadas rapidamente e sem tempo para a análise e, ainda, nas novidades tecnológicas de alta velocidade. Assim, no jornalismo a velocidade “passa a ser o principal ‘valor notícia’: antes de tudo, importa chegar na frente do concorrente, e alimentar o sistema com dados novos, num continuum vertiginoso a pautar o trabalho nas grandes redações [...]” (MORETZSOHN, 2002, p. 12).

A velocidade é uma cultura jornalística em todos os aspectos das atividades profissionais. As informações devem ser colhidas e apresentadas sempre em tempo real. Assim, a velocidade se refere ao ritmo de apresentação das notícias e programas, como também dita a estética e o conteúdo, assinala Marcondes Filho (2002). O repórter multimídia proporcionado pela tecnologia é um aspecto que gerou também multirefunções para o profissional, aponta Moretzsohn (2002). Nessa rotina acelerada do trabalho do jornalista, a reflexão sobre a realidade tem pouco espaço, conforme a autora. Assim, as condições de trabalho, por seu lado, também impõem uma forma de fabricar notícias, ao levar o repórter a agir e pensar automaticamente de modo a economizar tempo e cumprir suas tarefas cotidianas no prazo. Nas emissoras se percebe bem isso na valorização das notícias de prestação de serviço que são automáticas e também produzidas em série, pois não necessitam de muita apuração.

Com as novas tecnologias, os meios audiovisuais dão prioridade à transmissão direta porque representa o estado puro do imediato, indica Reis (2011). Esse imediatismo pode ser percebido nas três emissoras pesquisadas através da construção de um discurso que pergunta ao repórter onde ele está naquele momento. Estes recursos produzem um sentido de velocidade à forma de transmissão das informações, pois colocam o ouvinte junto ao repórter no acontecimento. Fazer da instantaneidade a única forma de tratar a contemporaneidade é apenas o ponto de partida na atualidade, salienta Moretzsohn (2002). O ponto de chegada passa pelas condições de trabalho e a nova configuração do profissional multimídia e multirefunção exigido pelo mercado do tempo real. Nas três emissoras foi possível perceber a busca frenética do tempo real e também a nova configuração do profissional multirefunções, mesmo que de diferentes formas.

A análise mostrou que a cultura da velocidade está impregnada nas três emissoras pesquisadas. A noção de tempo real pode ser vista, constantemente, principalmente na *CBN* e na *Gaúcha*, e uma simulação de *ao vivo* na *Gazeta*, pois os repórteres gravam as notícias e depois elas são apresentadas como se fossem *ao vivo*. Com a apresentação do boletim ao

vivo as rádios constroem essa ideia de velocidade, que tudo é transmitido no momento que ocorre. A duração das matérias e boletins em média de um minuto e meio a três também mostra a estética da velocidade e molda o conteúdo, só o indispensável cabe neste tempo, então o jornalista o faz automaticamente, já que ele tem outras atividades multimídia para realizar.

O efêmero é uma criação da velocidade e um modelo que não permite a ideia de duração, assinala Santos (1996). Deste modo, pode-se pensar nas matérias das três estações que repetiram muitas vezes um assunto, e depois o tema sumiu do ar, pois se não fosse tratado com aprofundamento, realmente se tornava perecível da forma como era apresentado. Outro elemento que torna visível a efemeridade da velocidade é no momento das informações de prestação de serviço. Um ponto de congestionamento se desfez, por exemplo, então este serviço já está velho e não tem mais validade. Isso pode ser verificado muito na *CBN* e na *Gaúcha* e muito menos na *Gazeta*, pois esta última cobre uma cidade sem grandes problemas de tráfego.

As tecnologias aceleram as rotinas produtivas nas redações, principalmente, as grandes. Com as possibilidades das plataformas multimídia, as emissoras querem estar em todos os lugares que podem estar. Neste sentido, o repórter acumula tarefas e já sabe que tem que abastecer a *home page* da rádio com seus telefones multiuso. Os relatos nas três emissoras são um pouco diferentes, mas todas mostram a assimilação das multitarefas do profissional.

Em relação aos recursos multimídia da *CBN*, pode-se dizer que a emissora possui uma *home page* que é atualizada a todo o momento com áudio, textos e fotos e ainda a presença de vídeos. Lá, encontra-se tudo sobre a rádio, além das notícias, como programação, todos os comentaristas, os programas e também é possível ouvir as quatro emissoras próprias do grupo (SP, RJ, BSB, BH). Ritter (2013), chefe de reportagem da manhã, esclarece que “todos os repórteres são multimídia no sentido da produção mesmo, tanto do áudio como das matérias para o site”.

Sobre a atividade multimídia da *Gazeta*, Setubal (2013), pauteiro e produtor, salienta que todos os repórteres que fazem “a unidade móvel que são basicamente dois, um de manhã e outro à tarde, têm a orientação sobre a importância de fazer imagens para o site da rádio e para o portal do grupo”. Eles utilizam telefone celular para captar fotos e vídeos. O produtor acrescenta ainda que são os profissionais do Portal *Gaz* que abastecem o site da rádio. Verificou-se, no entanto, que o site da *Gazeta* não é abastecido a todo o momento

como deveria e, algumas vezes, possui poucas atualizações das informações por dia. Os próprios profissionais da rádio reconhecem que a *home page* deveria ter alguém só para fazer isso, pois exige atualizações constantes, na velocidade do tempo real.

Na *Gaúcha*, que possui seu site bem estruturado, as chefias disseram que os repórteres já têm uma “cultura”. Segundo Scola (2013), editor chefe de jornalismo, “o repórter multimídia é uma cultura na rádio Gaúcha, ele é muito mais que um repórter de rádio, ele é um repórter, e hoje a Gaúcha entrega conteúdo em várias plataformas, *online* (foto, vídeo, texto) e *on air*”.

As informações de serviço não são somente “dar ao ouvinte o que ele quer”, mas também uma estratégia mais rápida de produzir e divulgar informação. A prestação de serviço não investiga, não busca o contraditório, ela tão somente divulga a informação dada por um órgão oficial de trânsito como acontece na *CBN* em sua sala de Escuta, ou nem é o repórter quem busca a informação, como no caso da *Gaúcha* com seus ouvintes geradores de conteúdo. No caso da *Gazeta*, o serviço que mais costuma ser atualizado é a ronda policial.

O *ao vivo* é mais valorizado pelas emissoras, porque representa o imediato, o acontecimento se dando, a informação transmitida em tempo real ganha em credibilidade e por fim ganha em velocidade. O culto pelo *ao vivo* é também pela aceleração, como estratégia de veracidade. As rádios *CBN* e *Gaúcha* valorizam muito o *ao vivo* e se utilizam dele em muitas situações, como na entrada do repórter direto do local do fato, mesmo que esse tempo real não seja o mesmo do acontecimento. Já a *Gazeta* faz muito pouco *ao vivo* embora se utilize de algumas estratégias de simulação, como agradecer o repórter.

Segundo Moretzsohn (2002) a velocidade também é responsável pela fragmentação dos acontecimentos. Se tudo tem que ser transmitido rapidamente não há tempo para avaliar o sentido dos acontecimentos. Em decorrência disso, o que é transmitido é um mundo fragmentado, onde a notícia é uma sequência de colagens e não informações imprescindíveis para a formação do cidadão. Neste sentido, as três emissoras apresentam os acontecimentos da mesma forma, sem uma contextualização maior, pois isso exige tempo de apuração.

A seleção dos acontecimentos acelera-se para acompanhar a velocidade da difusão da informação, conforme Reis (2011). Assim, todos os dias as emissoras recebem uma enorme quantidade de informações que podem ser divulgadas, num processo de seleção que levava em conta o grau de importância e hierarquia das matérias. Contudo, com a

aceleração de todos os processos não é mais possível ter critérios rígidos de seleção, apenas o da rapidez. Nas rádios *CBN* e *Gaúcha* o volume de informação recebida é muito maior, deste modo o critério da rapidez é mais utilizado. Já na *Gazeta*, com um volume menor, valem os critérios que não os da aceleração somente, mas de proximidade, por exemplo.

A velocidade como cultura profissional está impregnada nos profissionais, tanto nas chefias como nos empregados. Nos relatos a seguir é possível verificar esta situação de se fazer tudo rápido como normal, como não podendo ser de outro modo. Ritter (2013), chefe de reportagem da *CBN*, diz que é normal fazer tudo rápido. “É uma questão de ritmo, rádio é assim mesmo, é cozinhar e comer ao mesmo tempo por causa da característica do imediatismo, não tem como ser diferente”. Santos (2013), supervisor de jornalismo da *Gazeta*, quando descreve sua rotina de trabalho observa que suas atividades profissionais começam antes mesmo de chegar à emissora, pois além de apresentador, ele é produtor de dois programas. Como pode se perceber em seu relato, Santos (2013) naturaliza o fato de trabalhar em casa. “Primeiro eu já, em casa, verifico os emails e as primeiras informações, isso cedinho da manhã para vim já pensando no que fazer”.

A principal atividade de Mugnol (2013) é produzir o *Gaúcha Atualidade*, depois ela também contribui com reportagens, faz a agenda política e outras tarefas até às 14h, quando encerra o expediente. A produtora mostra também que assimilou bem a ideia de ser uma profissional multitarefas, indicando que isso é positivo. “Aqui na rádio nós temos essa tendência de que todos podem fazer tudo, nós gostamos disso porque no momento de uma grande cobertura todos estão preparados”.

A cultura da velocidade está presente nas três rádios estudadas em todos os âmbitos, da produção, da edição e da veiculação de conteúdos em tempo real ou não. Na *CBN* e na *Gaúcha* a aceleração está no grande número de transmissão ao vivo, com o repórter no local do fato, e na prestação de serviço, já na *Gazeta* está no volume de produção de matérias, que é significativo para os oito profissionais existentes e também pela duração diária de espaço informativo (das 7h às 12h).

Sendo assim, na transmissão da programação a velocidade está na fragmentação, as matérias têm que ser apresentadas de forma rápida tanto no tempo de duração quanto no da locução, então um assunto não permite o aprofundamento e a contextualização. Ele não pode ficar no ar muito tempo, mas pode voltar novamente, desde que tudo seja feito rapidamente.

### **Noção de Fluxo**

Segundo Santos (1997, p. 218) “a fluidez contemporânea é baseada nas redes técnicas, que são um dos suportes da competitividade. Daí a busca voraz de ainda mais fluidez [...]. A fluidez é, ao mesmo tempo, uma causa, uma condição e um resultado”. Neste sentido, a noção de fluxo é um elemento que define o jornalismo contemporâneo. Meditsch (1999) defende que a programação jornalística de rádio passou de uma lógica de programação, para uma lógica de fluxo. Isso quer dizer que a programação, com grade fixa, programas com horário marcado para começar e terminar perde espaço para uma estrutura circular que se repete infinitamente, sem a ideia de fechamento. O rádio informativo é capaz de falar sem parar, até 24 horas por dia, com um enunciado sem começo nem fim. O agendamento do programa com hora marcada é substituído pela lógica de disponibilidade permanente do enunciado. Sendo assim, as emissoras especializadas em informação de atualidade irão reiterar as principais notícias de meia em meia hora ou a cada hora para atender a um público que não permanece fiel.

Se a programação de fluxo de uma rádio informativa é capaz de falar sem parar, ela dissolve as fronteiras delimitáveis com esta forma de enunciado circular, aponta Meditsch (1999). Neste sentido, no formato *all-news* ou *talk-news*, o rádio faz um acordo tácito com o público que tem interesse em informação de atualidade. As emissoras *CBN* e *Gaúcha*, especializadas em informação constroem toda a sua programação em torno desse modelo. Cada uma das programações oferece programas consecutivos de informação e de forma circular e repetitiva. Deste modo, a programação radiofônica sofre uma mudança em termos de estratégia discursiva, um deslocamento significativo de um conceito de sequência como programação para um conceito de sequência como *fluxo*, ou seja, tem que abastecer a emissora de informação 24 horas por dia, os sete dias da semana, então, considerando uma emancipação do receptor, deve-se disponibilizar essa informação de tempos em tempos. A *Gazeta*, na parte em que transmite informação, tem uma lógica de fluxo, embora fique menos caracterizada.

Conceitualmente, as rádios *talk-news* podem ser classificadas como especializadas em segmentos de programação ajustadas aos fluxos de audiência, com uma sequência de programas de entrevista, de cultura, de esporte, radiojornais, de acordo com as demandas, explicam Betti e Meditsch (2008). E as rádios *all-news* são qualificadas como as de formato fechado, planejadas de maneira circular a partir da figura geométrica do relógio, com seus noticiários transmitidos a cada período pré-determinado, segundo os autores. Contudo, ao verificar as programações das rádios *CBN* de São Paulo que se denomina *all-news* e a



*Gaúcha* de Porto Alegre que se intitula *talk-news*, observa-se que as diferenças são muito sutis, mais baseadas em uma sequência de programas diferenciados. Levando em conta esta concepção, pode-se dizer que a rádio *CBN* sai um tanto do formato fechado, e se aproxima da *Gaúcha* com seu conceito do *talk-news*.

Surge na atualidade uma programação de fluxo contínuo, de forma circular, sem começo, meio e fim. Com a passagem de gêneros e conteúdos de forma repetitiva como um ponteiro de um relógio, conforme Betti e Meditsch (2008). Nas rádios observadas, a *CBN* e a *Gaúcha* reproduzem o conceito de fluxo, com muita repetição de informações e de gêneros ao longo da programação, como radiojornais e sínteses informativas. Na *Gazeta*, a ideia de fluxo contínuo existe através de um boletim de notícias, que vai ao ar de hora em hora e, com repetições de conteúdo, mas não se pode classificá-la como lógica de fluxo em todos os momentos, pois tem uma boa parte da programação como generalista com jornalismo, entretenimento, música e esporte.

A maneira de fazer rádio, com transmissão em fluxo, é caracterizada por uma forma “[...] estruturada em uma emissão constante, em que se toma toda a programação como um grande programa, dividida em faixas bem definidas. As mudanças de uma para outra são calcadas na troca do âncora ou do comunicador do horário”, conforme Ferraretto (2013, p. 64). Nos dois exemplos, da *Gaúcha* e da *CBN*, é possível verificar bem essa transmissão em fluxo como se fosse um grande programa de atualidade com faixas distintas, através da sequência de dois programas que trocam de âncoras.

O *Gaúcha Hoje* é um programa de atualidade em que é veiculada duas vezes a previsão do tempo, a primeira gravada, mais curta, uma previsão de forma genérica; e cerca de 40 minutos depois é ao vivo e o tempo em todas as regiões do Estado numa forma de conversa com o âncora. Ainda são transmitidos três boletins ao vivo do trânsito, um de Porto Alegre e outros dois de diferentes lugares da região metropolitana. Existe ainda o assunto do dia, em que os ouvintes são convidados a dar sua opinião por torpedo e redes sociais, neste sentido, o âncora lê muitas participações dos ouvintes sobre o tema proposto e também os mais variados assuntos. Assim, que termina o programa, entram os comerciais e, em seguida, o Correspondente Ipiranga (uma síntese informativa de 10 minutos com quatro edições por dia). Já o *Gaúcha Atualidade* pode ser resumido como um programa de entrevistas, notícias e comentários. São dois outros âncoras que apresentam o noticiário, além de uma locutora direto de Brasília. Possui de duas a três entrevistas por edição, de seis a 10 minutos, que são chamadas no início do programa que tem ainda os destaques da

política, da economia e do trânsito (que são uma espécie de síntese informativa dessas áreas), além da previsão do tempo. Os âncoras intervêm bastante durante o programa, depois das entrevistas e dos boletins dos repórteres dando explicações ou fazendo um contexto do assunto que foi abordado. Os ouvintes são instigados a participar através da divulgação dos endereços eletrônicos. O *Gaúcha Atualidade* possui uma hora e vinte minutos de duração.

Na CBN também é possível identificar a ideia de grande programa com distintas faixas. O principal programa da CBN é o *Jornal da CBN*, que abre a programação pela manhã e vai ao ar das 6h às 9h30min. O radiojornal é composto por entrevistas, notícias, boletins ao vivo e 16 comentaristas fixos por dia. O *Jornal da CBN* é apresentado por um âncora, que conduz, realiza as entrevistas e interfere fazendo comentários, ligações entre assuntos e dando explicações através da recuperação de informações anteriores e, um co-apresentador. Este modelo é característico da emissora, todos os programas são apresentados desta maneira. O co-apresentador entra no ar para apresentar o *Repórter CBN*, informar a hora certa, a temperatura e, algumas vezes, dialoga com o âncora.

O segundo programa da manhã, o *CBN São Paulo*, é apresentado por uma âncora e uma co-apresentadora, ao contrário do anterior. O programa é local e por isso tem mais prestação de serviço da cidade. A entrevista é um pouco mais longa que do anterior, numa média de nove minutos. Verificou-se ainda que o programa repete muitas matérias e até comentaristas do *Jornal da CBN*. A âncora dá mais espaço à participação do ouvinte lendo comentários e questionamento do público. O *CBN São Paulo* encerra com informações sobre cultura e fecha com uma música que tem relação com o assunto. Primeiro é interessante verificar que os programas das duas emissoras são muito parecidos: são de atualidade, informativos, com alguma análise nas entrevistas e com boletim informativo dentro do programa. Os quatro programas são, ainda, preenchidos por notícias e boletins do repórter. Neste sentido é de se questionar por que duas estações informativas têm tipos de programas tão parecidos diante das possibilidades criativas que se pode explorar. Uma resposta possível é que as rádios repetem modelos consolidados.

A repetição de informação e prestação de serviço também é uma característica da programação em fluxo contínuo. Se o ouvinte pode ligar o rádio quando quiser é necessário disponibilizar de forma cíclica e atualizada estas informações para ele. Assim, foi possível observar a repetição de conteúdos e prestação de serviço nas três emissoras estudadas, contudo com maior intensidade na CBN e *Gaúcha*.

Outro elemento que dá a ideia de fluxo e circularidade nas emissoras são as entradas constantes de vinhetas e trilhas que identificam o que vem a seguir. Notou-se mais frequência destes aspectos nas rádios *CBN* e *Gaúcha* e menos na *Gazeta*. Um exemplo da circularidade da programação que se observa pelas vinhetas são as sínteses noticiosas: de meia em meia hora, o Repórter CBN, na *CBN*; de uma em uma hora, o *Gazeta* Notícias, na *Gazeta*; e de hora em hora, o Notícia na Hora Certa, na *Gaúcha*.

Rádios informativas como a *CBN* e a *Gaúcha* precisam gerar muito conteúdo para alimentar 24 horas por dia de programação e um tipo de informação fácil de colher e rápida de divulgar é a prestação de serviço que dá às emissoras a sequência de fluxo contínuo e de não fechamento, tudo recomeça a todo o momento. As repetições de serviços e também de notícias alimentam boa parte da programação da *CBN*, *Gaúcha* e *Gazeta*.

A principal característica da noção de fluxo é a ideia de circularidade e repetição que faz desaparecer a importância e hierarquia das informações herdadas do jornalismo impresso e isso constrói outra lógica de apresentação das matérias. Tudo o que está indo ao ar parece importante e como as matérias têm o mesmo tempo de duração, o ouvinte recebe uma overdose de informação fragmentada. A única forma de saber o que é realmente significativo é através de uma decisão editorial da rádio que chame a atenção para um assunto em particular.

### **Múltipla Temporalidade**

A noção de tempo não é a mesma para todos, menos ainda para os meios de comunicação que constroem sua temporalidade para dar conta da realidade do mundo vivido. O tempo é concebido de acordo com seu momento histórico, mesmo neste período há vários tipos de tempo, conforme Santos (1997). Isso constitui uma múltipla temporalidade da realidade, principalmente na contemporaneidade onde a tecnologia é uma das lógicas fundamentais de estruturação da sociedade. Para Franciscato (2005) o jornalismo embute, no seu conteúdo e em seus estilos discursivos, que não existe um desalinhamento entre o tempo do mundo real e da produção jornalística. Contudo, como esse desalinhamento existe é necessário construir uma simultaneidade a partir de uma polifonia de vozes. A cobertura de fatos jornalísticos em tempo real, especialmente quando utiliza o padrão de transmissão *ao vivo*, produz uma nova experiência de temporalidade. São estratégias discursivas utilizadas nas mídias eletrônicas, assinala Fehine (2008). Neste sentido, as transmissões *ao vivo* fragmentam não só o acontecimento, mas também, a sua temporalidade, tornando-a múltipla.

Existe uma múltipla temporalidade no discurso das estações observadas que são construídas em vários níveis. As três emissoras possuem exemplos de construções de *ao vivo*, mas não se observou o quarto nível que é aquele em que os quatro tempos são sincrônicos: o do acontecimento, o da produção do relato, o da enunciação e o da recepção, conforme se refere Meditsch (1999). Este é o *ao vivo* mais difícil de ocorrer porque necessita os quatro tempos juntos. O primeiro é expresso na programação, a simultaneidade entre o tempo de produção e da transmissão. O segundo grau de *ao vivo* coloca mais um elemento em simultaneidade que é a interpretação do locutor. Já o terceiro grau de *ao vivo* é, ainda, um nível intermediário que coloca em cena o imprevisto, aquele em que não apenas a interpretação é *ao vivo*, mas a elaboração do conteúdo é realizada com a utilização predominante do imprevisto, segundo Meditsch (1999). Assim, sempre existirá uma múltipla temporalidade de *ao vivo* no rádio.

Deste modo, pode-se identificar a maior presença do *ao vivo* em segundo e terceiro grau nas emissoras pesquisadas, já que o primeiro sempre irá existir. Em segundo grau a emissora une a transmissão ao momento da recepção e também a interpretação do âncora, como por exemplo, a abertura de um programa que tem um roteiro pré-formulado e o locutor o interpreta para o ouvinte ou chama um repórter que também irá interpretar seu texto. Em terceiro grau há mais um grau de simultaneidade, o locutor se utiliza do imprevisto ou mesmo o repórter fala de imprevisto seu texto. Então, tem-se o *ao vivo* em segundo grau quando há a interpretação do relato do locutor ou repórter e também há *ao vivo*, em terceiro grau, quando a produção do relato do locutor ou do repórter se dá de imprevisto ao microfone.

Contudo, mesmo com as várias estratégias para construir um tempo real, a emissora só conseguirá ser *ao vivo* a maior parte do tempo se tiver um número de profissionais que possa dar conta de uma programação 24 horas por dia, sete dias por semana. Deste modo, foi possível verificar que este quadro de jornalistas deve ser grande: 50 foi o número de funcionários encontrado na *Gaúcha*, e 65 no jornalismo da *CBN*, já a *Gazeta* com oito empregados não consegue fazer mais que suas cinco horas e meia de programação informativa diária. Neste sentido, observa-se que não é possível fazer jornalismo em tempo real sem um número significativo de pessoas, pois é uma atividade que exige mão de obra e qualificada. A cobertura de um fato jornalísticos em tempo real, quando utiliza o padrão de transmissão *ao vivo*, produz uma nova experiência de temporalidade, salienta Franciscato

(2005). Isso não é apenas uma tecnologia de transmissão, mas um novo contrato de sentido ou modo de interação, quando evento, jornalista e público agem em simultaneidade.

Nota-se que a programação radiojornalística constrói uma múltipla temporalidade da realidade. São estratégias discursivas próprias do jornalismo, mas nas mídias eletrônicas, como o rádio e a televisão, isso fica mais evidente, pois as transmissões *ao vivo* fragmentam não só o acontecimento, mas, também a sua temporalidade. Deste modo, observou-se nas estações estudadas, principalmente na *CBN* e *Gaúcha*, que se tudo deve ser transmitido em tempo real, tudo deve ser rápido, não há tempo de esperar que o acontecimento complete seu contexto nem no sentido nem no tempo. Já as inovações tecnológicas se transformam em instrumento de espetáculo com mudanças rápidas de cenário, de vozes, de ligações para transmissão direta de qualquer lugar, aponta Reis (2011).

O tempo de vida útil das pautas, como critério de análise, é de um dia ou um dia para outro nas das rádios observadas. Raramente uma notícia passa de mais que um dia para o outro, pois o número de vezes que elas são repetidas não suporta mais do que esse tempo. O outro elemento é o uso do ontem, que deixa a notícia velha, portanto somente informações muito importantes vão ao ar com o uso do ontem.

A construção temporal predominante é o *agora há pouco* e o *hoje*; as outras são bem menos usadas, como *ontem* ou *ontem pela manhã*, nas três estações estudadas. Já em relação à observação da presença da múltipla temporalidade discursiva na síntese noticiosa notou-se que pelo próprio resumo das notícias é tirado o tempo verbal, desta maneira, embora todas as notícias pareçam ser de hoje, o advérbio normalmente não aparece. O jornalismo constrói a ideia que não existe um desalinhamento entre o tempo do mundo real e o tempo da produção jornalística e, portanto, que está conseguindo transportar o receptor para o tempo do evento, neste caso o recurso foi retirar o ‘quando’ na notícia.

A temporalidade presentificada é aquela da transmissão direta, basta o repórter estar no ar com seu boletim ao vivo, não leva em conta se o acontecimento já ocorreu ou vai ocorrer. Desta forma, não leva em consideração os níveis de *ao vivo* e passa a ideia de que tudo é no momento da ação do acontecimento. Reconhecer a múltipla temporalidade dos acontecimentos é menos simulação e mais levar em conta a realidade complexa de uma construção multitemporal.

Aqui, alguns relatos em que se pode perceber a importância do *ao vivo* nas rádios. Questionadas sobre quando uma programação informativa é boa, as chefias recorreram à ideia de *ao vivo* e flexibilidade que se adequam ao conceito de múltipla temporalidade.

Stamillo (2013), da *CBN*, responde que a programação é boa quando ela é flexível, quando não tem uma grade que seja engessada e que não permita ser alterada de acordo com os fatos que estão acontecendo. Já Santos (2013), da *Gazeta*, argumenta que uma boa programação informativa de rádio é aquela que atende aos interesses do ouvinte. “Ela é boa quando prende o ouvinte, quando o ouvinte está ouvindo durante determinado tempo e esquece que o tempo que ele está ouvindo é bastante e que a informação que ele está recebendo faz sentido na vida dele”. Para Scola (2013), da *Gaúcha*, “uma programação tem que ser ágil, informativa, tem que ter um pouco de análise, mas sem se estender muito, pois o ambiente de hoje exige que nós abasteçamos com mais instantaneidade nosso ouvinte com informação”. Enfim, uma programação ágil, dinâmica, flexível, em cima dos fatos e *ao vivo*.

A característica que define a múltipla temporalidade nas emissoras é a descontextualização da informação. Se o *ao vivo* é o mais importante, então é preciso fragmentar também o tempo para construir a ideia de tempo real. Como o tempo vivido é diferente do tempo das emissoras, organiza-se discursivamente uma múltipla temporalidade para resolver estas diferenças.

### Referências bibliográficas

BETTI, Juliana Gobbi; MEDITSCH, Eduardo. O formato *all-news* no rádio brasileiro: importação, estranhamento e adaptação. In: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. **VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Bernardo do Campo, 19 a 21 nov. 2008. Disponível em <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/coordenada3eduardomeditsch.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2012.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença**: uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das letras e das cores, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. O de lá e o de cá: apontamentos para uma categorização do conteúdo das emissoras comerciais brasileiras com base na influência do rádio dos Estados Unidos. **Significação** - Revista da Cultura Audiovisual. São Paulo, n. 29, janeiro/junho 2013. Disponível em <http://www.usp.br/significacao/artigo.asp?C%F3digo=11>. Acesso em: 12 ago. 2013.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

KLÖCKNER, Luciano. **A Notícia na Rádio Gaúcha**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MARCONDES Filho, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. 2ª ed. São Paulo: Hacker, 2002.

MEDITSCH, Eduardo. **A rádio na era da informação**. Coimbra: Minerva, 1999.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MUGNOL, Babiana. Produtora da rádio Gaúcha. Depoimento à autora. Porto Alegre, 11/12/2013.

REIS, Isabel. A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet. **Comunicação e Sociedade**, Braga, vol. 20, 2011. Disponível em <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/comsoc/article/view/879>. Acesso em: 02 set. 2013.

RITTER, Douglas. Chefe de reportagem do turno da manhã da rádio *CBN*. Depoimento à autora. São Paulo, 20/11/2013.

SANTOS, Milton. **Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Rosemar. Supervisor de jornalismo e âncora da rádio *Gazeta*. Depoimento à autora. Santa Cruz do Sul, 05/12/2013.

SCOLA, Daniel. Editor chefe de jornalismo da rádio *Gaúcha*. Depoimento à autora. Porto Alegre, 12/12/2013.

SETUBAL, Nero. Produtor da rádio *Gazeta*. Depoimento à autora. Santa Cruz do Sul, 06/12/2013.

STAMILLO, Leonardo. Gerente de jornalismo da rádio *CBN*. Depoimento à autora. São Paulo, 22/11/2013.

TAVARES, Mariza; FARIAS, Giovanni (Org). **CBN: a rádio que toca notícia**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.